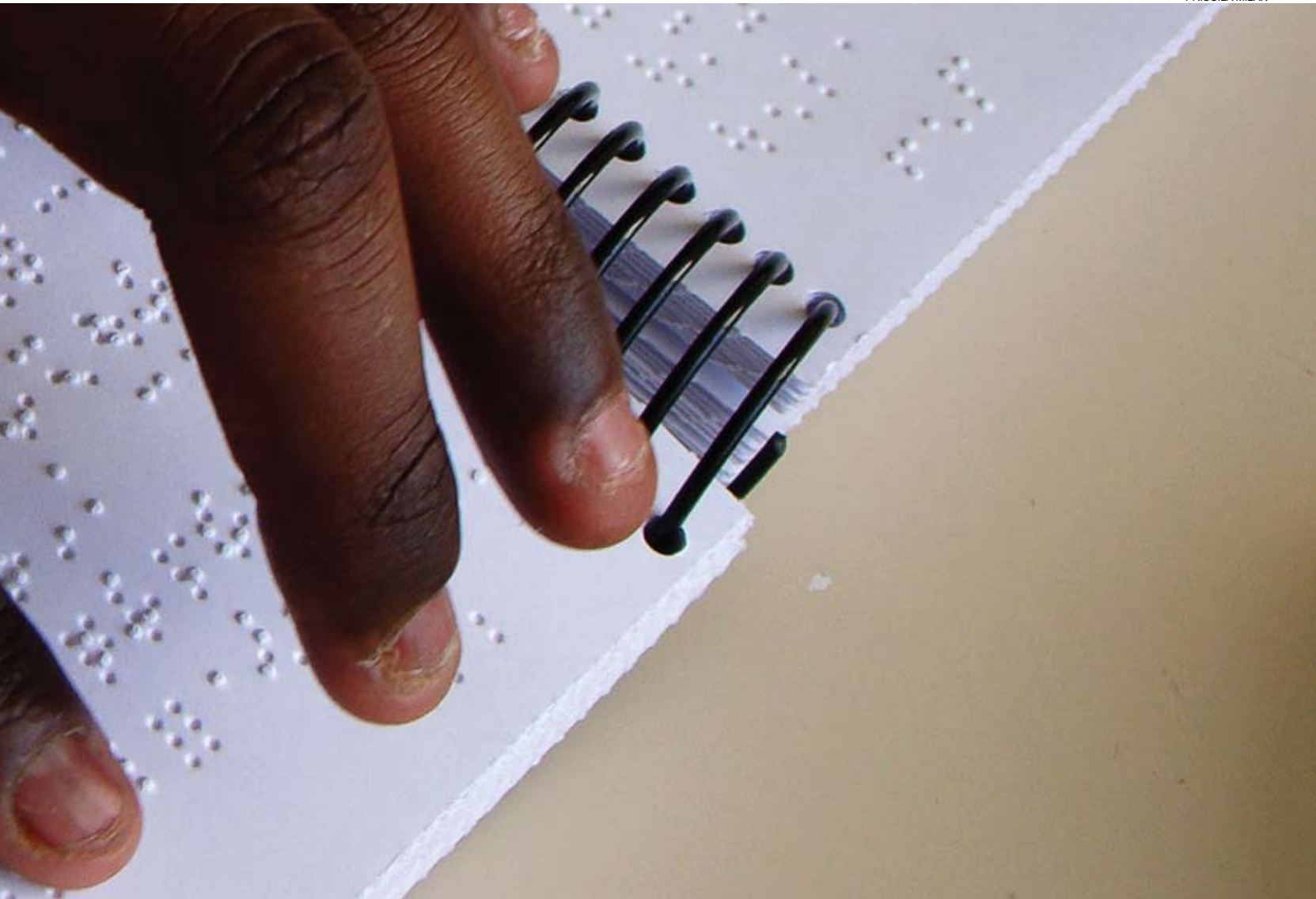




# O VALOR DOS SENTIDOS

Aprender a ver uma nova vida é importante tanto para quem perdeu a visão como para quem voltou a enxergar

TEXTO | CATHIERINE HOFFMANN e RODNEY SILVA  
FOTOS | PRISCILA MILÁN e CATHIERINE HOFFMANN



**F**echе os olhos. Agora sinta. Não procure um lugar especial para fazer isso, pode ser exatamente onde você está. No trabalho, no ônibus, em casa. Apenas viva um momento às escuras. Fique assim por alguns minutos. São muitas as sensações: curiosidade, angústia, bem-estar... Cada um sente de uma maneira. Agora abra os olhos. Aposto que você piscou algumas vezes e olhou para todos os lados para rever tudo que está a sua volta.

O verdadeiro valor dos sentidos aparece quando se perde um. E é nesse momento que os demais ficam mais apurados. Para Maicon Pierre da Silva, 21 anos, o tato é o seu diferencial. Ele nasceu com catarata congênita nos dois olhos e aos seis meses passou por uma cirurgia somente no olho esquerdo e voltou a enxergar com esse olho. Mas há certas coisas que são impossíveis de prever, pois, quando Maicon estava com 7 anos, enquanto brincava

na frente de casa com seus amigos, foi atingido com uma pedra justamente no olho esquerdo. O menino passou a não ver mais, mas não era o fim.

Inicialmente Maicon ficou muito abalado, tentando entender o que tinha ocorrido. Só que a vida continuou, e ele aceitou a situação. Hoje acredita que a maioria das oportunidades que teve ocorreram devido a sua deficiência. Sua determinação foi fundamental. "Não posso ser orgulhoso. Preciso, sim, de ajuda para atravessar a rua, por exemplo. Não vou me arriscar a ser atropelado, seria estupidez", afirma. A ajuda que recebe de amigos, familiares, professores e até de pessoas desconhecidas na rua é de suma importância.

Logo após o acidente, Maicon ficou em casa com sua mãe e irmãs. Recebeu ajuda para realizar afazeres do dia a dia, como comer e tomar banho. "Após perder a visão, minha vida deu uma volta

de 180 graus. Seguir um novo estilo de vida é complicado”, explica. Quando ele tinha 12 anos, sua mãe, Sônia, encontrou uma escola em Cachoeira do Sul especializada em educação para deficientes visuais, onde foi alfabetizado em braile. Concluído o ensino fundamental, Maicon resolveu ir morar em Porto Alegre com sua irmã mais velha, Ana Paula. Em 2008, descobriu a existência do Instituto Santa Luzia e se matriculou no Ensino Médio. No Instituto, a inclusão é o foco principal. Alunos com ou sem deficiência são colegas e dividem os mesmos limites. “O local deve ter cara de escola e não de instituição”, comenta Rosaura Santos Bastorini, diretora. Ela explica que a boa relação dos alunos se deve a algumas regras. “Aqui o corredor é o caminhador. Todos que entram na escola devem andar pela direita e, para voltar, à esquerda. Assim evitamos quedas e constrangimentos”, afirma.

No Instituto, várias atividades são realizadas, como esportes, artes e aula de vida diária. A professora Noemi Soares Martins ensina aos deficientes visuais como lidar com as tarefas domésticas. “Eles aprendem a arrumar a cama e até a fazer comida”, explica. As tarefas domésticas são realizadas em uma sala que tem todos os objetos de uma casa, como cama, mesa, pia, armários, fogão. Para comer, a professora ensina os deficientes a avaliar tamanho e peso. Os talheres são utilizados como instrumentos para dimensionar o tamanho da comida, para então cortar o alimento no lugar certo. O suco é servido após calcular o peso para então servir no copo. Antes, tais afazeres eram feitos com as mãos. Os deficientes visuais

tocavam nos alimentos para saber o tamanho e colocavam o dedo dentro de líquidos para descobrir a quantidade de bebida do seu copo. No esporte, uma bola com guizos é o primeiro diferencial. O silêncio, por exemplo, é essencial, pois o barulho da bola é que faz com que o jogo tenha curso. O professor de educação física Adolfo Teixeira de Oliveira, o Dodô, ensina aos alunos, como Maicon, as regras do futebol para cegos. “Devo ter sido deficiente visual na outra encarnação, porque adoro trabalhar com eles”, revela.

Maicon garante que não é o melhor atleta, mas tem muitos talentos. Em 2005, ganhou um concurso do MEC de frases sobre os Direitos da Criança e do Adolescente que lhe garantiu uma viagem a Brasília com direito a conhecer o presidente Luiz Inácio Lula da Silva. “Para mim foi uma conquista muito grande”, lembra. Novas aptidões foram surgindo e o gosto pela escrita faz com que Maicon deseje ser futuramente um advogado ou jornalista. “Adoro ler, principalmente literatura brasileira, como Machado de Assis”, ele comenta, com um livro em braile nas mãos. Na matemática, ele é um dos melhores alunos. O professor Daniel Dutra Moretinhu desenvolveu técnicas de aprendizagem em alto relevo que são úteis até para alunos que enxergam.

O Instituto é a segunda casa de Maicon, onde fica o dia inteiro. Está no 2º ano do Ensino Médio e, quando se formar, quer arrumar um emprego. “A instituição me ensinou que não posso ficar parado”, afirma. Sua vida mudou muito após o acidente que lhe tirou a visão, mas o bom humor e a persistência

**Maicon deixou de enxergar. Lucy perdeu e depois recuperou a visão. Aline passou a ver. Os três comemoram grandes conquistas**

FOTOS PRISCILA MILÁN



CATHERINE HOFFMANN



de acreditar nos seus sonhos faz com que Maicon seja um exemplo a ser seguido por todos, com deficiência ou não. Dos anos em que ainda enxergava, ele tem poucas lembranças, e garante que passou pela adaptação da nova vida com tranquilidade. "Sei que tenho uma vida maravilhosa pela frente".

## O encontro com a luz

Nascer na escuridão e não responder a estímulos visuais de cores e nem de objetos. Assim aconteceu com Aline Rodrigues Monteiro. Na gestação, sua mãe, Anita, já desconfiava que a filha poderia nascer cega, pois o pai da menina, Leopoldino, tinha catarata congênita, assim como seus antepassados. "Desde que minha mãe ficou grávida, suspeitou-se do problema. Naquela época não tinha exames, hoje dá pra identificar já na gestação", conta. Ao ver Aline pela primeira vez, Anita constatou a deficiência, já que os olhos estavam totalmente brancos. Era a catarata hereditária, mas que poderia ser solucionada.

Com duas semanas de vida, Aline passou pela primeira das quatro cirurgias que se seguiram até os três anos de idade. Os procedimentos foram realizados no Banco de Olhos de Porto Alegre, mesmo hospital em que seu pai, aos 20 anos de idade, fez a cirurgia que lhe apresentou 10% do que é o mundo. "Ele tem noção das coisas, enxerga pouco e desfocado. Ele lê em braile e precisa do auxílio de bengalas", afirma Aline.

Quando criança, a visão da menina não chegava aos 30% do que é hoje. Não conseguia assistir a desenhos na televisão e nem ler livros", diz. Mas aos poucos o que era difícil ficou mais fácil. "É uma experiência fantástica fazer as coisas que antes não conseguia", conta. A visão de Aline é perfeita numa distância de até um metro, em que ela consegue ver toda a fisionomia, os traços do rosto e a cor dos olhos. "Depois disso começa a desfocar", diz.

Sorridente, bem humorada e de riso fácil, Aline é funcionária do Ministério Público do Rio Grande do Sul desde 2002. Com 25 anos, a estudante do curso de Direito da UFRGS sonha em ser advogada. Os preconceitos na vida social, segundo ela, aparecem de forma indireta. "Numa balada, por exemplo, as pessoas vão pela aparência. Ficar com alguém é complicado, pois quem me cuida na festa enquanto eu danço, deixa de olhar logo em seguida, só porque meus olhos se mexem mais que o comum", desabafa.

"Na faculdade tenho uma dificuldade bem maior que outras

para ler os Códigos Civil e Penal, que possui letras minúsculas. Também fico com um pouco de dor na coluna, pois tenho que aproximar mais os livros dos olhos", afirma a estudante, que gosta de ler ainda Dostoiévski, Gabriel Garcia Marques e José Saramago. Não dirigir é sua única frustração. Aline adora cinema e prefere filmes com legenda pelo som original. "Tenho que sentar mais perto na sala para poder acompanhar o filme e estou criando agilidade para ler as legendas", se orgulha. Aline se diz plenamente realizada com sua vida, mesmo com as dificuldades ainda existentes. "Meu pai me ensinou a ter uma boa estrutura psicológica para enfrentar preconceitos", cita.

Perder a visão já na fase adulta provoca mais medo ainda. A rotina passa a ser perturbada por uma nova condição. Aos poucos o que era legível fica difícil de entender. Os caminhos que eram costumeiros ficam difíceis de transitar. Foi assim com Lucy Petry Sartor, professora de educação artística, de 77 anos. Para ela, a condição de não enxergar mais não era aceitável. Um de seus netos, de apenas 7 anos, começou a ler as notícias para a avó que não conseguia decifrar nem as manchetes. Ao consultar o seu oftalmologista, veio o diagnóstico, ela teria que fazer uma cirurgia de catarata. A notícia veio como um peso para a professora. "Mudei de médico porque não aceitava fazer uma cirurgia", lembra.

Porém, em março deste ano, com apoio de sua família, Lucy resolveu consultar com um novo oftalmologista e realizar a operação. "Primeiro fiz no olho esquerdo e, após repouso e uso de colírios, em duas semanas já estava lendo os jornais novamente", comemora. Lucy sempre teve uma vida intensa. É formada pela UFRGS, fez pós-graduação em administração escolar pela Unisinos, morou nos Estados Unidos e no Rio de Janeiro, lecionou e administrou várias escolas. Também ajudou a criar a Escola São João Batista, de Montenegro, onde nasceu e reside atualmente.

Nos dias em que quase não enxergava, a professora, que é muito detalhista, não descartava seus costumes, como anotar os afazeres do dia. Na época, substituiu a caneta pelo pincel atômico. Hoje, ela ri ao ver o tamanho das palavras anotadas em suas agendas. "Passei a usar lentes estrangeiras, e hoje nem uso mais óculos, enxergo bem até demais", avalia. Para Lucy, a visão é muito importante, e a possibilidade de acompanhar as notícias, jogar futebol com os seus netos, e ir à igreja é algo que nunca mais quer deixar de fazer.

## IMPRESSÕES DE REPÓRTER

Tudo na vida são encontros e despedidas. Isso fica mais evidente ao falarmos de sentidos, pois quando perdemos um, precisamos aprender com esse novo mundo. Ficar sem a visão pode parecer uma tragédia, mas aos poucos, se percebe que ninguém é autosuficiente. Precisamos de ajuda para realizar qualquer tarefa do dia a dia. Conhecendo o Instituto Santa Luzia compreendemos melhor o quanto as pessoas se dedicam para fazer com que a vida dos deficientes visuais seja mais prática. O Maicon nos serviu de exemplo

de vida. Já para aqueles que voltaram a ver, a percepção de que novas aptidões podem ser desenvolvidas com a adversidade é ainda mais forte. No caso da Aline, que ganhou a visão, mesmo que parcial, foi emocionante ver a alegria dela refletida em seus olhos. Todas as nossas fontes nos surpreenderam positivamente pela determinação e pelas suas conquistas. Ver está além do sentido literal da palavra, encontra-se na capacidade das pessoas em enxergar as possibilidades e alcançar o que está além dos nossos olhos.